

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
16 e 21 de Agosto de 2025  
À FLOR DA PELE

## BEAU TRAVAIL / 1998-99

*Um filme de Claire Denis*

*Argumento:* Jean-Paul Fargeau e Claire Denis / *Diretora de fotografia (35 mm, cor):* Agnès Godard / *Direção artística:* Arnaud de Moléron / *Música:* Eric Quetter; trechos de "Billy Budd", de Benjamin Britten / *Montagem:* Nelly Quettier / *Som (Dolby stereo):* Jean-Paul Mugel e Dominique Gaborieau / *Interpretação:* Denis Lavant (*Galoup*), Michel Subor (*o comandante*), Grégoire Collin (*Sentain*), Richard Courcet, Nicolas Duvauchelle, Adlatou Massidli, Michael Rakowsky (*membro do pelotão*), Marta Tafessa Kassa (*a jovem*).

*Produção:* La Sept Arte-Tanais Com-SM Films / *Cópia:* DCP, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 90 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* 29 de Janeiro de 2001, na Cinemateca Portuguesa, no âmbito do Festival Gay e Lésbico de Lisboa.

**A sessão de dia 16 tem lugar na Esplanada 39 Degraus**

\*\*\*\*\*

Depois de ter sido assistente de realização durante muito tempo, entre outros de Wim Wenders, Claire Denis perseguiu com tenacidade, a partir de 1988, uma carreira de realizadora, que à data de hoje totaliza quinze longas-metragens de ficção, além de um telefilme. Ao longo do seu percurso mudou sensivelmente de estilo, mais do que de registo, o que também foi o caso de um Louis Malle, embora as diferenças entre ambos sejam gigantescas. Um espectador que desconhecesse o nome da realizadora talvez tivesse dificuldades em dizer, por exemplo, que **Nénette et Boni** (1996), que ilustrou uma voga de "realismo social" do cinema francês e recicla o olhar da cineasta pelos "marginais", tenha sido feito pela mesma realizadora deste ambicioso **Beau Travail**. Este, por sua vez, pouco se aparenta ao seu primeiro filme, **Chocolat**. No domínio do documentário, Claire Denis assinou em 1990 **Jacques Rivette, le Veilleur** um importante capítulo da série **Cinéastes de Notre Temps**, em que Serge Daney, com o rosto marcado pela doença que o mataria, conversa com o realizador.

Há mais de um século, mais precisamente, desde **L'Atlantide**, de Jacques Feyder, (1921), que o cinema francês se interessa pela mitologia do *légionnaire*, o soldado da Legião Estrangeira, a ponto deste mito ter sido adotado pelo cinema americano, pela canção francesa (vários clássicos dos anos 30, a começar por *Mon Légionnaire*, de Edith Piaf, com o seu tema erótico, além de outras *chansons*, mais belicosas), pela banda desenhada (até Astérix e Obélix foram legionários...) e, inevitavelmente, pelo cinema pornográfico. Apesar das aparências, o mito cinematográfico do legionário não mudou muito entre **L'Atlantide** e **Beau Travail**, passando pelo apogeu do género no cinema francês, nos anos 30, em filmes como **La Bandera** e **Le Grand Jeu** e por produções mais recentes. Antes de Denis Lavant e Grégoire Collin, Jean Gabin, Pierre-Richard Wilm e George Raft (sim, em **Outpost in Morocco**, de Robert Florey, de 1949) já se tinham alistado na Legião Estrangeira, para lutar, amar e morrer "*sob o sol africano dos sunlights*", para retomarmos a expressão utilizada por Buñuel num célebre texto sobre Adolphe Menjou. O mito do legionário no cinema comporta a ideia de que o legionário não tem passado (ou melhor, tem um passado tão pesado que a Legião prefere não fazer muitas perguntas), é uma espécie de misto entre o soldado profissional e o mercenário, sempre em ação em terras colonizadas. É um brutamontes disposto a morrer, que gosta de lutar, mas que não tem ideologia nem

patriotismo (os legionários podem ser de nacionalidades diversas), em paisagens cujo aspecto hostil e desértico é sempre contrabalançado pela fotogenia. Como se vê, apesar das diferenças de enfoque mais do que óbvias entre o filme de Claire Denis e os que foram realizados quinze ou trinta anos antes dela nascer, os elementos centrais do mito do membro da Legião Estrangeira estão no cerne de **Beau Travail**: um espaço exótico, que costumamos a identificar, mas que acabamos por reconhecer, Djibouti; a falta de passado, no sentido mais literal do termo, dos personagens (Sentain foi achado numa escada em bebé, nunca soube quem eram os seus pais); um mundo exclusivamente masculino, aliviado por uma efémera presença feminina (aquilo que os franceses designam por o *descanso do guerreiro* tem aqui um sentido literal), mundo no qual pode aflorar uma tensão erótica entre os homens, que é implícita no cinema clássico e evidentemente explícita no terceiro milénio. Sem querer abusar dos paralelos cinéfilos, pois as referências cinéfilas são sempre pessoais e nem sempre têm nexos com o cinema propriamente dito, a trama narrativa de **Beau Travail** tem analogias com a de **Reflexions in a Golden Eye**, em que Marlon Brando é um oficial que adquire consciência do seu desejo físico por um soldado, que acaba por matar, por ciúmes (Charlotte O'Sullivan, em *Sight & Sound*, vê em *Othello* uma das fontes do filme, o que mostra que estas analogias são, de facto, subjetivas).

Claire Denis poupou-nos uma “releitura” política do mito do legionário. O seu estranho fascínio por estes trogloditas armados parece vir do seu interesse em filmar corpos jovens e sadios, mas despidos de qualquer vibração erótica, num mundo inteiramente masculino, no qual a “virilidade” assume a sua forma mais primitiva: fazer pesados e incessantes exercícios físicos, dar e receber gritos, não usar o cérebro. O filme verga sob o peso de uma imensa vontade de estilo: a ambição de narrar uma história através de movimentos físicos, de pequenas coreografias, de valores plásticos, sem um desenvolvimento narrativo tradicional (tudo se desenrola em dois tempos, o presente e o passado). A ação, de certa forma, está em *off*, na voz presente que recapitula o passado. O uso constante da música, que ilustra a concepção coreográfica da realizadora, mas que às vezes pode girar no vazio (homens a fazerem exercícios sobre um “fundo musical”), também ilustra a sua ambição de fazer uma narração indireta: uma das músicas utilizadas é a ópera *Billy Budd*, de Britten, adaptada de um texto de Herman Melville, história de um jovem marinheiro que acaba sacrificado por um oficial, numa situação análoga à do filme. Mas como há tanta música no filme e a ópera de Britten é relativamente pouco conhecida (a música, não o título), a chave fornecida pelo uso da ópera pode passar despercebida ao espectador, tanto mais que Claire Denis e o seu argumentista optam por um desenlace relativamente feliz, em todo o caso, poupam a vida da vítima expiatória. No total, **Beau Travail** é um objeto extremamente formalista, mas talvez não suficientemente purista para atingir os objetivos da realizadora.

Antonio Rodrigues